

Inês&Nós: Leitura Performativa Gamificada, Formação de Professores Leiautores e o Mito de Inês de Castro

Valéria Andrade
Marcelo Alves de Barros
Leandro de Sousa Almeida

Uma professoranda que, ao dizer a estória da Gata Borralheira, se levanta na ponta do pé a cada vez que menciona os sapatos de cristal, se metamorfoseia em personagem através desse gesto simples.

Élie Bajard, 2014

Apresentação

Este capítulo apresenta uma breve revisitação histórica e prática de relações existentes entre leitura performativa e política, por meio de uma partida do jogo Inês&Nós, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, no ano de 2020, como uma experiência leitora gamificada, destinada especificamente à formação de professoras/es *leiautoras/es*¹ (ALMEIDA, 2021). A finalidade primeira da experiência foi promover a liberdade e a responsabilidade dos atos falados das/os professoras/es participantes, voltados especialmente à abertura de novos rumos possíveis do/no mundo, em particular no que se refere a relações

¹ O termo *leiautoras/es* corresponde à junção de “leitoras/es” com “autoras/es”, neologismo cujo significado designa as/os participantes que, no contexto da experiência formativa, desenvolvem as duas habilidades – leitura e escrita autoral – de maneira articulada e processual (BARROS; ANDRADE, 2017).

afetivas entre pares amorosos inspirados na figura mítico-histórica de Inês de Castro, tendo se desenvolvido, nesse sentido, como desdobramento dos resultados de estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Avançados sobre a Utopia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ANDRADE, 2021).

Começando por uma pequena viagem no tempo, é importante lembrar que “o ato de ler sempre foi um ato de poder”, desde o surgimento do livro; assim o diz Alberto Manguel no escopo de sua *Uma História da Leitura* (MANGUEL, 1996). Conforme afirma o autor em seu relato das origens e da evolução da leitura, as pessoas que leem sempre foram temidas em todas as sociedades.

Ler em voz alta, em performance para um público, além do duplo prazer de leitura, sentido pelo leitor-falante combinado com o/os do/os leitores-ouvinte/s, é um ato que está historicamente associado a um poder especial de aproximar uma realidade (ou ficção) contida no texto, de indivíduos que a ela não têm acesso, por diferentes razões, possibilitando que estes usem sua liberdade de recriação para modificá-la, para sua transformação individual ou para transformar o mundo ao seu redor.

Essa possibilidade se dá pela ampliação do conceito de leitura e pela fusão deste ao conceito de performance, em sua acepção de deslocamento – ou seja, de travessia de um lugar para outro, inclusive em termos identitários (BUTLER, 2019), – com a potência do mito em geral, e do inesiano em particular, em sua contínua disponibilidade para inspirar, acolher e responder às novas demandas políticas, sociais e culturais nos diversos contextos em que surgem e em que têm atuação o/s mito/s.

É, pois, nessa direção que concebemos que a leitura que agrega elementos da linguagem teatral potencializa a experiência de apropriação e interpretação da narrativa mítica de Inês de Castro na contemporaneidade. A peça, no caso, é lida e dita com o apoio de recursos do teatro, como gestualidade, modulação de voz, presença corporal diante da câmera (no caso de experiências performativas online), interação com os espectadores, elocução performativa do

texto em cena (presencial ou virtual) etc. A leitura em que o texto atravessa o corpo de quem lê a fim de mover não só o leitor, mas também o ouvinte, é capaz de causar impacto por meio de um processo de conscientização. Também, é capaz de promover a alteridade, motivando e mobilizando as pessoas a atuar numa dimensão política em relação a problemas sociais enfrentados no mundo, a exemplo do preconceito de gênero e seus desdobramentos materializados nas inúmeras formas de violência contra mulheres, dentre elas o feminicídio, em seu atual estágio pandêmico.

Essa atuação política decorrente do ato de ler perpassa as postulações teóricas de autores como Austin (1990) – também já retomadas por Andrade (2021) –, em cujos estudos destaca que a linguagem é usada para praticar ações. Isto é, compreende que *dizer* também é *fazer*, no sentido de que se propõe, pela linguagem, agir. Por muito tempo, os filósofos e cientistas da linguagem acreditaram que o papel de uma declaração era apenas de "descrever" o estado das coisas, ou "declarar um fato", o que poderia ser avaliado, no cálculo veritativo, como verdadeiro ou falso. No entanto, para o autor, a linguagem não tem apenas função "constatativa", isto é, ela não é utilizada apenas para descrição. Ela também é uma forma de "ação" intencional e, além disso, performativa/dramática.

A teoria de Austin pode ajudar a pensar o ato de ler e dizer em contextos de uso em correlação com suas implicações políticas e sociais, pois o modo como os falantes fazem declarações aos seus interlocutores – naturalmente, referimo-nos à figura de leitores-performers e seus ouvintes/espectadores – determinará a qualidade da comunicação, a eficiência da mensagem emitida, as intenções do falante, as ações imbricadas nas falas etc. O interlocutor, de modo prático, poderá compreender se a declaração, seja positiva ou negativa sobre ele, tem poder de ação, dependendo do falante. Por exemplo, um juiz que faz uso de declarações que impetram uma ação capaz de distinguir se um réu é culpado ou não. Os atos de fala do leitor – "dizador" (*diseur*, declamador) –, portanto, não somente em casos como esse, mas, particularmente em

experiências performativas de leitura, nos mostram que *dizer é fazer* e, mais precisamente, é fazer um ato político.

Sob essa perspectiva, ao invés de almejar uma catarse no fim da performance, como Aristóteles defendia em relação ao espetáculo teatral (ARISTÓTELES, 1999), a leitura performativa também pode levar leitores-performers e ouvintes a transcender suas respectivas posições na experiência dramática para atitudes em parceria com um fazer político transformador de si próprio, do outro e do mundo. Eles podem fazer isso por meio das seguintes ações: a) o uso prático da consciência e da educação libertadora trazidas pelo texto lido e dramatizado relativamente ao tema da narrativa, revisando o seu olhar sobre o mundo e a participação na cultura (FREIRE, 1974); b) a atuação coparticipativa de falantes e ouvintes durante e após a performance de leitura dramática para gerar uma experiência dialética e transformadora de ação-reflexão-ação sobre os elementos do texto que são ou que demandam uma manifestação política, ou mesmo uma transferência do que foi sentido e entendido para projetos da vida real em sociedade (BOAL, 1975); e, finalmente, c) a renovação do texto pelas diversas formas de improvisação e de expressão corporal, para nele incorporar um realismo efetivo e sempre mutante, definido a cada nova performance por novas representações críticas personalizadas da opressão, propalando novas visões sobre a busca da justiça social (BRECHT, 1978).

Assim como as relações entre teatro e política, as relações entre leitura performativa e política são tão antigas quanto o teatro e quanto a própria política. Desde antes de Aristóteles, já se colocavam nas leituras performativas os temas e argumentos sobre a realidade e sobre os anseios de mudança. Em uma linha do tempo (ver Anexo 1), perspectivada a partir do que Manguel relata na obra acima referida, pode-se situar uma curta sequência ilustrativa de fatos históricos elucidadores dos papéis da leitura em performance, ou, podemos dizer, da performance leitora, dos leitores falantes e ouvintes e do próprio texto como elementos de uma expressão performatizada, política e emancipatória, de si, do outro e do mundo.

Nesse brevíssimo passeio pela história da leitura, é possível notar que, em todos os tempos, um dos desafios para o exercício da cidadania em larga escala por meio de performances é a formação de pessoas leitoras que possam, progressivamente, viver a experiência de serem transformadas pelo texto, de transformar o texto e de dizê-lo de corpo e de alma, valendo-se de recursos físicos para expressar sentimentos e emoções, com resultados emancipatórios para muitos, transformando o mundo pela sua atuação como seres políticos.

É preciso dizer que no âmbito educacional brasileiro referente à escola e à universidade existe uma grave deficiência nas práticas leitoras, além de uma conjuntura deficiente no que concerne à leitura em outras esferas, especialmente a familiar. Apesar de alguns louváveis programas governamentais e de iniciativa privada para a promoção da leitura no Brasil, dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2016) mostram que 44% da população brasileira não lê e 30%, até então, nunca comprou um livro. Resultados de 2020 dessa mesma pesquisa apontam que, em 2019, o Brasil perdeu cerca de 4,6 milhões de leitores em relação aos índices da pesquisa anterior, com dados de 2015, visto ter havido menos tempo dedicado aos livros e mais às redes sociais, sendo estes leitores de ensino superior.

Dados de 2018² do PISA indicam que estudantes brasileiros com 15 anos de idade têm baixa proficiência em leitura, se comparados com outros 78 países que participaram da avaliação. Esse contexto está associado à flagrante carência de professores-leitores em nossas escolas. Dificilmente as políticas públicas e estratégias voltadas para a leitura darão bons frutos, visto que o mediador de leitura exerce um papel fundamental no processo formativo de leitores, ou seja, de indivíduos capazes de exercer esse ato de poder (BARROS; ANDRADE, 2017).

Tais problemas compreendem um percurso histórico deficitário em relação à formação inicial escolar no Brasil,

² Cf. Portal do INEP em: <https://bit.ly/3tFHHon>. Acessado em 12.03.2021.

particularmente no âmbito das licenciaturas em Letras e Pedagogia, em que praticamente não se utilizam métodos e ferramentas para produzir diferentes encantamentos pela leitura, incluindo o encantamento por seu poder emancipatório. Além disso, não são exploradas as experiências individuais e coletivas de transformação pela leitura baseadas no uso de novas tecnologias de informação e comunicação (BARROS; ANDRADE, 2017).

Ampliando a concepção e a configuração dos círculos de leitura tradicionais, a abordagem Inês&Nós aqui trazida fundamenta-se na proposta de formação de Comunidades Leitoras Ativas Ubíquas (ANDRADE, 2021), visto que uma de suas especificidades é a interconectividade entre grupos de leitores ligados a uma comunidade maior, a comunidade Inês&Nós, na qual o leitor é consciente de sua participação e de sua atuação política, promovendo, por meio da alteridade, a transcrição de novas narrativas a partir de pontes de interlocução cultural.

A concepção de Comunidade Leitora Ativa Ubíqua ainda é justificada pela insuficiência do círculo de leitura ou da comunidade leitora tradicional à luz das demandas da contemporaneidade, relativamente à necessidade cada vez mais presente de interação entre os sujeitos, em especial mediada pelas mídias digitais. Não por acaso, cada vez mais presenciamos o distanciamento físico entre as pessoas, de que decorre uma crescente migração desses sujeitos para as redes de interação social de cunho virtual. Perante essa realidade, a autora compreende que tal distanciamento físico-geográfico não se torna um problema; sendo assim, não atravanca a construção de vínculos comunitários de emancipação política, assim como acontece em relação às outras formas de comunidades leitoras. Muito menos é preciso que estejam sincronizados temporalmente.

Este capítulo propõe, outrossim, que os referidos vínculos existem e são fortalecidos por outros procedimentos midiáticos de natureza ubíqua e assíncrona promovidos por meio do método LerAto de formação de empreendedores sociais por meio da leitura performativa (BARROS; ANDRADE, 2017).

LerAtos e a jornada do heroica em três palcos de Leitura-Ação

O método LerAtos foi desenvolvido conjuntamente pela Professora Valéria Andrade, coordenadora do Laboratório de Práticas Pedagógicas em Educação do Campo – Linguagens e Códigos, da Unidade Acadêmica de Educação do Campo (UAEDUC), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pelo Professor Marcelo Alves de Barros, coordenador do Atelier de Computação e Cultura (CompCult), da Unidade Acadêmica de Sistemas e Computação (UASC), do Centro de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI), da mesma universidade. Consiste em uma abordagem de ensino-aprendizagem gamificada e multidisciplinar baseada na leitura performativa de textos multimodais, que pode ser desenvolvida em escolas, universidades e espaços de educação não formal.

A abordagem metodológica em foco agrega estratégias e elementos dos jogos sérios de realidade alternada, tais como os propósitos épicos que transcendem o círculo mágico de mundos virtuais, o *feedback*, as regras, os reconhecimentos individual e coletivo e a voluntariedade, apoiados pelas práticas de leitura e produção de textos multimodais, para desenvolver habilidades de leitura performativa e para melhorar o desempenho em conteúdos curriculares interdisciplinares. Também, incorpora princípios de empreendedorismo social para aumentar o nível de engajamento de estudantes, professores e famílias em ações individuais e coletivas em suas respectivas escolas e comunidades em torno de um tema abordado pelo jogo.

Nessa abordagem, os jogadores atuam como indivíduos e coletivos políticos, identificam problemas de pessoas e instituições do mundo real que podem ser resolvidos com o uso de conhecimentos e ideias contidas em uma obra-semente que lhes é apresentada pelo professor e propõem soluções para os desafios sociais envolvidos. O método LerAtos é uma meta-estrutura de jogo que já foi base para dezenas de jogos de empreendedorismo social,

disponíveis na Google Playstore. A experiência vivida em cada jogo baseado no LerAtoS, conforme ilustração da Figura 1, é um vórtice de gestão do conhecimento construído em um ambiente auto-organizado de ensino-aprendizagem tutorial que inclui 3 palcos em que a performance transformadora e política acontece: a) um espaço virtual na web (palco 1), b) a comunidade onde vive o estudante que joga o jogo LerAtoS (palco 2) e c) a sala de aula da escola do estudante jogador (palco 3) (BARROS; ANDRADE, 2017).

Na transcendência das experiências vividas nos mundos virtuais construídos na imaginação e no ciberespaço, também vividas no mundo real do participante, a realidade se alterna, sucessivamente, gerando novas possibilidades de atuação social, política, humana (MCGONIGAL, 2012). Valores, ideais, sonhos e utopias que transitam nas duas direções tornam-se elementos efetivos de mudança e melhoria do mundo pela atuação do leitor.

Figura 1 – Modelo de Gestão do Conhecimento pela Leitura Performativa em um jogo criado com LerAtoS nos 3 palcos de leitura inovadora



Durante a jornada, em uma experiência de jogo criada com o método LerAto nos 3 palcos, são realizadas 4 oficinas: Sonhação, Fruição, Criação e Doação. Na **Sonhação**, os participantes são estimulados pelo professor a pensarem sobre o tema da oficina a partir de uma motivação prática, com o objetivo de levantar possibilidades criativas de geração de uma narrativa multimodal a partir da adaptação de um ou mais textos sementes. Essa motivação poderá ser realizada a partir de diferentes estímulos, como uma música sobre o tema principal tratado na obra-semente previamente escolhida. Em seguida o professor faz uma apresentação desta obra-semente, contextualizando os seus elementos essenciais (narrativa, personagens, cenários, referências culturais), dados sobre a autoria, a época em que a obra foi criada, entre outros elementos. Como um dos princípios do LerAto, nesta oficina, como o próprio nome sugere, a apresentação do tema, das utopias e da obra-semente devem ser, sobretudo, uma performance que evidencie a transformação prévia vivida pelo professor como leitor, sem a qual a barreira da superficialidade da experiência dos alunos leitores ubíquos não será quebrada para levá-los a uma leitura contemplativa na próxima oficina (BARROS; ANDRADE, 2017, SANTAELLA, 2014).

Na **Fruição**, os estudantes são os protagonistas e vivem uma imersão pessoal na obra-semente mediante leituras individuais e partilhadas, contemplativas, inspiradas na emoção e no exemplo do seu professor. Na **Criação**, ocorre o exercício do uso da presença do corpo em todas as suas dimensões sensoriais, criativas e psicomotoras para reinventar, mimetizar criativamente uma nova expressão, uma representação pessoal da obra-semente, gerando uma nova obra em performance e em produto textual multimodal. Esses novos textos podem se apresentar na forma de leitura performativa, cena dramática, livro pop-up, livro canção (letra e música), desenho, poema, cordel etc.

A **Doação** é a experiência de entregar a nova obra única e viva a outras pessoas, de se entregar por meio da obra, enquanto performance e enquanto empreendimento social baseado na obra

adaptada da obra-semente lida. Durante essa entrega, incorporam-se outras fruições, outras percepções à própria percepção e à própria representação do jogador autor. Nessa etapa, o empreendimento torna-se efetivamente social, cultural, ambiental, podendo também tornar-se econômico, se oportunidades de geração de renda forem aproveitadas. Por meio das obras de impacto positivo em uma realidade a ser melhorada, o leitor, autor e empreendedor, como seres políticos em sua essência, buscam solucionar ou reduzir problemas identificados e ressignificados nas demais oficinas.

Como um dos legados de uma partida de um jogo baseado no método LerAto, cria-se uma Comunidade de Leitura Ativa Ubíqua (CLAU), na qual os participantes alimentam o vórtice de gestão do conhecimento nos 3 palcos, apoiando-se nas tecnologias de comunicação ubíqua que estiverem disponíveis para sua atuação.

Inês&Nós: Jogo Sériu de Leitura Performativa em Realidade Alternada

O jogo Inês&Nós, baseado no método LerAto, é uma experiência de transformação pelo contato com o mito e com a história de Inês de Castro e do amor “até ao fim do mundo” vivenciado no século XIV, consagrado por poetas e historiadores desde então, em diversos gêneros e formas de expressão artística, tanto em perspectivas poéticas, quanto em perspectivas de fenômeno social trágico, posto que envolve o triângulo amoroso entre Inês de Castro, Pedro e sua esposa Constança, incluindo o assassinato de Inês a mando do Rei D. Afonso IV, pai de Pedro, por razões de estado relacionadas à sucessão do trono português.

O episódio histórico, gerador do mito inesiano traz à tona o conflito entre a liberdade de amar e os paradigmas sociais e políticos que atravessam o imaginário português e mundial contemporâneo, fazendo ainda viva a memória do caso que marca a história e a cultura de Portugal. Na leitura embrenhada dessa

“estória” de proporções imprevisíveis, assim como frisou o romancista António Cândido Franco, em *A Rainha Morta e o Rei Saudade* (2003), poderá lucrar o leitor, não só por se deixar conhecer tal episódio histórico, mas também por descobrir-se interlocutor das façanhas amorosas de Pedro e Inês, como há mais de seis séculos tem ocorrido a sucessivas gerações de artistas em suas obras, assim como ao público leitor em geral (ALMEIDA; ANDRADE; BARROS, 2021).

O jogo Inês&Nós vem se construindo em diferentes partidas desde 2018. Aqui, descreve-se a que foi jogada por meio de uma aplicação das 4 oficinas do LerAtos com professoras(es) em formação na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LECAMPO), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Sumé-PB. A transformação relatada foi vivenciada em 2020, durante o isolamento social demandado pela Pandemia da COVID-19 e veio ampliar a comunidade Inês&Nós gerada anteriormente na LECAMPO. Também foi uma estratégia para atender a uma necessidade contextual relativa à formação, em modo de ensino remoto, de professoras/es *leiautoras/es* para atuar na rede de educação básica do Município de Sumé e da região do Cariri paraibano, especialmente nas escolas do campo. O propósito épico de cada participante no jogo foi criar uma obra e uma performance inspiradas no mito e na história de Inês, produzidas no formato de uma vídeo-carta. Também foi propósito construir uma comunidade de pessoas felizes pelo contato com essa obra inesiana contemporaneizada na/pela transformação do jogador em leitor, “dizador” e autor.

As oficinas se realizaram usando uma plataforma tecnológica configurada para ter recursos de ubiquidade, multimidialidade e interculturalidade, estruturada sobre ferramentas digitais disponíveis para os participantes tanto na rede de formação de professores, quando na rede de ensino fundamental nas cidades envolvidas, tais como as ferramentas *Google Meet* e *Google Classroom*, *WhatsApp*, *Gmail* e *Google Docs*. A turma participante das

oficinas corresponde aos alunos da disciplina de *Práticas de Leituras Performativas*, formada por um grupo de sete alunas e um aluno regulares daquela licenciatura, com acesso à Internet e a dispositivos de trabalho digital em *home office* (celular ou computador)³. A experiência foi realizada pelas *leiautoras* em consonância com as atividades da disciplina, sob a regência da Professora Valéria Andrade no semestre 2020.3 da UFCG.

Na oficina de **Sonhação**, as participantes foram apresentadas à temática relacionada à história inesiana por meio da performance dos professores formadores de professores que conduzem a experiência expressando-se, com base no princípio fundamental do LerAto: a expressão livre pelo professor de sua própria transformação pessoal como um dos poderes sementes da transformação dos alunos. Na sequência realizou-se a reflexão coletiva do tema do protagonismo feminino em uma jornada de heroína que enfrenta diversos desafios, dentre eles o preconceito de gênero e as barreiras na liberdade de amar.

Para sonhar esse tema e discutir possibilidades de fortalecimento da luta de mulheres na construção de suas histórias épicas de vida, foi feita a leitura performativa coletiva da obra *Maria Roupa de Palha* (2008), texto dramático de autoria de Lourdes Ramalho. A história épica de Maria corresponde a uma jornada de heroína que enfrenta os mais diversos desafios, objetivando concluir sua missão de chegar ao reino encantado de Ti-Rim-Tim-Tim, onde deverá encontrar o Príncipe que lhe confiou a missão de levar as joias do reino para a sua coroação, seguida de casamento.

Por meio dessa narrativa, a turma foi exposta à possibilidade de vislumbre de uma mulher como protagonista de uma história que vai além de si mesma, pois não se trata apenas de uma menina em jornada que a levará ao encontro com um príncipe amado, mas também de um reino que por muito tempo esteve desgovernado, em decorrência da ausência de um regente que esteve amaldiçoado na forma de

³ Doravante, este grupo de estudantes será referido no gênero feminino, como as alunas, as participantes etc.

papagaio em uma terra distante por obra de uma fada má. Fica explícito que a coroação e o casamento de Maria com o Príncipe correspondem, para além de uma conquista épica de um sonho utópico (com premiação para quem enfrentou desafios imensos e concluiu a sua jornada a fim de encontrar o seu amado), a uma grande restauração na ordem e, conseqüentemente, na vida de todos os seres encantados do reino de Ti-Rim-Tim-Tim.

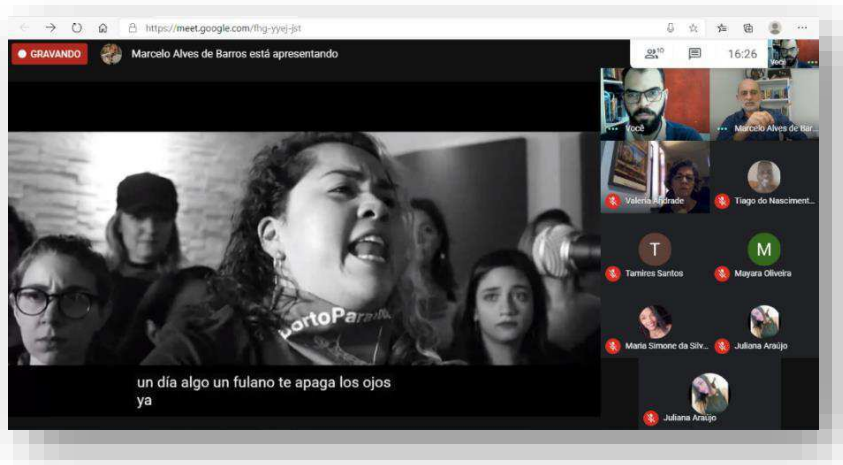
A leitura performativa com potencialidades de leitura dramatizada foi realizada conjuntamente por todas as integrantes. Elas participaram ativamente da experiência de leitura do texto dramático, imprimindo às suas vozes características inerentes às personagens da história, para aumentar o nível performativo da leitura no engajamento corpo-texto-voz, tal como concebido por Eliana Kefalás (2011 e 2012) e Paul Zumthor (1993; 2007). Nessa etapa, foi usada uma estratégia de leitura performatizada de textos literários inspirada nos *joglars* e trovadores, representando o texto como partitura musical contemporânea, com signos de codificação da interpretação simples e acessíveis, tais como grave, agudo, lento, rápido, forte, fraco, crescendo, decrescendo etc., ilustrada na Figura 2.

Figura 2 – Registro da leitura performativa da obra *Maria Roupa de Palha* como partitura

JULIANA	lento	agudo	Já percorri tantas terras	suave
SIMONE	rápido e gritando		sem o menor conhecimento,	forte
MAYARA	suave e rápido	gritando e devagar	passo frio, passo chuva,	grito
TAMIRES	lento e suave		nem por isso me lamento.	sussurro
TIAGO	lento	lento e grave	Há sete meses procuro	grave
FERNAND	lento e suave	suspirando	chegar à casa do Vento!	agudo
				rápido
				lento

Outro elemento de Sonhação usado foi o vídeo da música *Canción sin miedo* (2020), da cantora e compositora Vivir Quintana, com a participação do coral de mulheres *El Palomar*, ilustrada na Figura 3. Por meio da apreciação da obra musical, discutiu-se e sonhou-se sobre a jornada de mulheres no enfrentamento ao preconceito sofrido por serem mulheres e obstáculos que as impedem de exercer sua liberdade e crenças, incluindo o feminicídio perpetrado por homens machistas, a par do acontecido no fato histórico relativo a Inês de Castro. Isso acontece em todo o mundo e, em especial, no Brasil.

Figura 3 – Registro da exibição do clip da música *Canción sin medo* na oficina de *Sonhação*

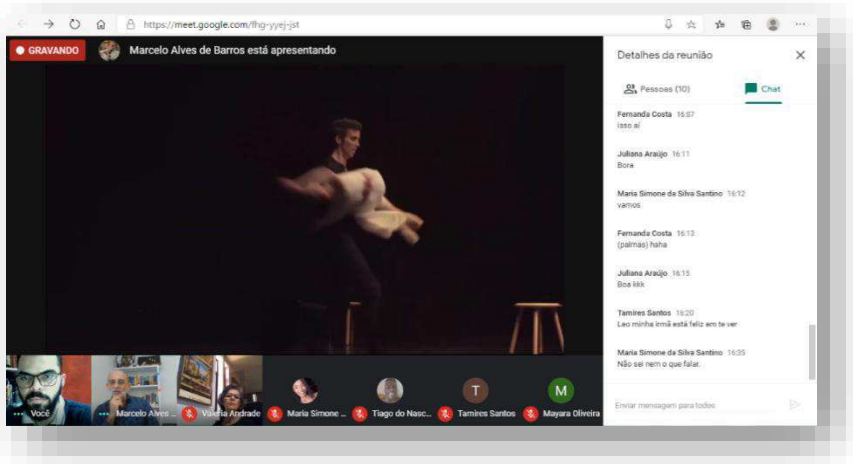


Seguindo com a mesma linha temática de sonho sobre a jornada heroica de mulheres cujo maior desafio é sobreviver por serem mulheres, foi apreciado pelas jogadoras um extrato de cenas do espetáculo de balé *Murmúrios de Pedro e Inês* (2019), obra dirigida e interpretada pelos bailarinos portugueses Fernando Duarte e Solange Melo, da companhia portuguesa Dança em Diálogos, como ilustra a Figura 4.

Esse extrato do espetáculo é acompanhado, em áudio, por um fragmento narrativo de autoria do poeta português Afonso Cruz,

intitulado “O amor faz mexer toneladas de pedra”. Nele, evidencia-se a potência do sentimento amoroso em sua acepção revolucionária de respeito incondicional à vida como uma das forças no enfrentamento à violência de gênero. A partir da perspectiva do amor de Pedro e Inês, propôs-se à turma sonhar possibilidades de reconstrução de novas formas de dizer a jornada heroica das mulheres – como nos inspira Murdock (2022), dado que Inês de Castro foi a rainha coroada depois de morta, mas, à luz do mito, podemos afirmar que nem a morte, nem as toneladas de pedras de calcário do seu túmulo conseguiram conter a força do amor que ela carregava consigo. Não por acaso, esse amor é lembrado por ser infindo, isto é, pela sua capacidade remanescente de permanecer atravessando o tempo e alcançando e inspirando outras mulheres e também outros homens em suas jornadas na contemporaneidade, em especial as afetivo-amorosas.

Figura 4 – Exibição do vídeo que comporta múltiplas cenas do espetáculo *Murmúrios de Pedro e Inês* na oficina de *Sonhação*



Sendo assim, as três narrativas apresentadas nessa primeira oficina, *Maria Roupa de Palha* (2008), *Canción sin miedo* (2020) e *Murmúrios de Pedro e Inês* (2019), centralizam a figura feminina no

flagrante desafio de viver uma jornada épica como protagonista de sua própria emancipação. Essas narrativas conjugam formas múltiplas de dizer quem são as mulheres de antes, de hoje e do futuro, isto é, são as heroínas das suas próprias vidas e de muitas outras, pelo que, mesmo sendo desafiadas, subjugadas e silenciadas por serem mulheres, continuam sua luta pela realização das suas utopias, bem como pela igualdade/liberdade de gênero na memória, no corpo e na voz das que permanecem de pé.

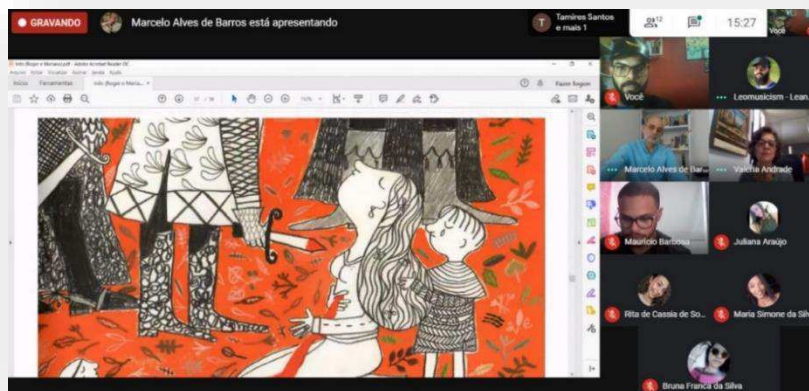
Na oficina de **Fruição**, a turma de professorandas imergiu na leitura/recepção da obra-semente escolhida: *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015), de que se vê um fragmento na Figura 5. Nesse poema – publicado como livro ilustrado para crianças, jovens e mediadores de leitura da comunidade lusófona –, os brasileiros Roger Mello e Mariana Massarani, dando voz à narradora Beatriz – filha de Inês de Castro –, ampliam o universo mítico da narrativa com liberdade poética para promover novos sentidos na experiência de imersão nas tramas desta história de amor, morte e saudade, tornando-a palatável para esse público (ALMEIDA et al., 2020).

As leitoras experimentaram a fruição estética, ou seja, o ato de aprazer-se naquilo que possui formato artístico, quer pela beleza e/ou feiura, quer pelos sentimentos que despertam nos seus apreciadores, como tristeza, alegria, revolta, emancipação, militância etc. Conforme Hans Robert Jauss (1979), cada leitor experimenta esteticamente a obra de maneira singular a partir do seu horizonte de expectativa, experiência de vida e leitura de mundo. Então, nesse momento da oficina, também se realizou uma roda de conversa sobre as impressões das participantes a partir da leitura frutiva da obra.

As participantes puderam destacar, quase descrentes com a veracidade dos fatos, o impacto emocional que sentiram ao verem Pedro coroando Inês após sete anos morta, o que causou bastante estranhamento às leiautoras, pois, de fato, esse feito heroico e vingativo de Pedro corresponde a uma loucura que só alguém muito apaixonado poderia fazer. Assim, na roda de conversa foi evidenciado que Pedro e Inês são os amantes cujo amor remove

toneladas de pedras, confunde palácios e governos e ainda vence a morte, porquanto, segundo a narrativa mítica, após o despertar no dia do Juízo Final, os amantes poderão dar continuidade ao seu amor por toda a eternidade.

Figura 5 – Leitura da obra-semente *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015) na oficina de *Fruição*



Na oficina de **Criação**, foram apresentados os detalhes da primeira parte do propósito épico do jogo: construir uma vídeo-carta, uma obra de arte midiática, fruto da criação de uma versão da história adaptada de *Inês e Pedro*, de uma leitura performativa desse texto e do registro em vídeo dessa performance. Esse formato de obra foi proposto no jogo enquanto estratégia para sua viabilização diante dos impactos impeditivos da pandemia da COVID-19, visto que esse recurso foi o mais apropriado formato de visualização da performance e da presença das *leiautoras* nas contações de histórias. Sobretudo, como a experiência coletiva na pandemia demonstrou, esse formato permite que, em um contexto de isolamento social, participantes do jogo atuem como indivíduos sociais e políticos, apresentando e representando as emancipações míticas e históricas de *Inês e Pedro*, as suas próprias emancipações e a emancipação em geral das mulheres.

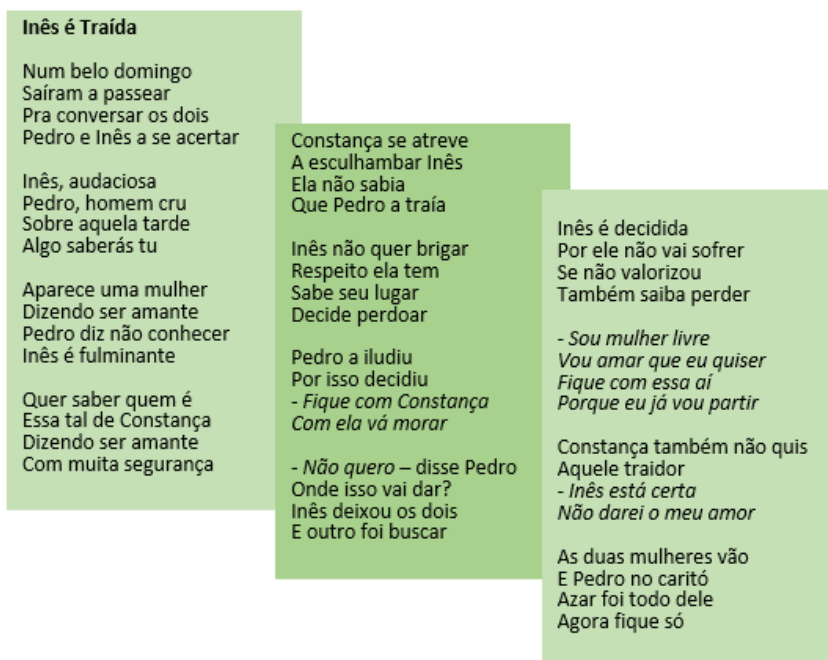
Para apoiar o processo criativo, o método LerAtos oferece aos participantes do jogo uma caixa de ferramentas e técnicas de adaptação que facilitam a descoberta e a apropriação das possibilidades de reinvenção do propósito, da narrativa, do narrador, das personagens, do tempo cronos, do tempo kairós, do fluxo narrativo, do espaço, da cultura, da etnia e da idade. Além de dispor desses recursos de criação de novas narrativas, os participantes são estimulados a escolher livremente quais utilizarem, permitindo também o acréscimo de mais recursos, visto que a criação artística, no contexto de LerAtos, pressupõe o uso de técnicas e instrumentos de adaptação, tutoria e acompanhamento no processo de criação, além de assegurar a liberdade poética para inventar. A caixa de ferramentas do LerAtos é disponibilizada e usada pelas jogadoras e pelos professores que lideram a partida, em ciclos que se repetem nessa oficina, até que as obras e as jogadoras estejam suficientemente maduras para alcançarem o próximo nível do jogo.

Nas oficinas de criação, foram criadas nove adaptações da lista que segue: *Inês é traída*; *Inês, a faxineira*; *O poder do amor verdadeiro*; *Inês e Pedro*; *Já é tarde, querido*; *Pedro e Inês além do tempo*; *Pedro e Inês, os frutos do amor*; *Para sempre minha Inês*; *O amor acontece*⁴. A Figura 6 apresenta uma dessas obras, *Inês é Traída*, ilustrando como a autora efetivamente explorou a caixa de ferramentas do LerAtos para promover o deslocamento das referências narrativas e interpretativas do mito e do fato histórico para a realidade do século XXI. Verificaram-se diferentes situações nas quais se constitui um triângulo amoroso, com ou sem a ocorrência dos elementos de tensão associados aos poderes de governantes, como no caso de Inês, Constança e Pedro. Além de construir um desfecho surpreendente em relação ao universo da obra inesiana conhecida, a autora trouxe, com sua inventividade, uma mensagem de

⁴ As nove adaptações foram destinadas à publicação, passando a integrar a coletânea *Inês&Nós: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro* (ANDRADE et al., 2022), que inclui parte da produção autoral desenvolvida durante etapas do projeto *Inês&Nós* realizadas entre 2018 e 2019 (cf. ANDRADE, 2021).

emancipação das mulheres em relação à liberdade de amar, extensiva a outras dimensões do ser feminino e a outras influências culturais que limitam a caracterização de homens e mulheres como indivíduos igualmente políticos.

Figura 6 – Obra *Inês é Traída*



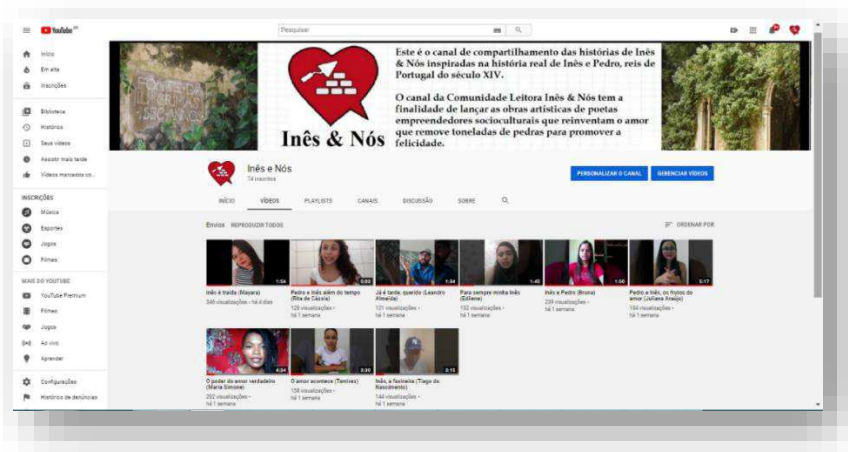
Em complemento à caixa de ferramentas do método LerAtoS, as participantes também tiveram acesso a técnicas e recursos básicos de gravação e edição de vídeo, assim como orientações para a produção das vídeo-cartas a partir de suas leituras performativas e de seus respectivos registros em vídeo.

Na oficina de **Doação**, as participantes foram apresentadas à segunda parte do propósito épico do jogo: construir suas comunidades ativas de leitura ubíqua, em forma de empreendimentos sociais promotores de felicidade. Na prática, o empreendimento consiste em conquistar leitores de suas vídeo-cartas usando duas estratégias complementares de marketing: A) divulgando a sua vídeo-carta no canal *Youtube* do Jogo *Inês&Nós*,

ilustrado na Figura 7, usando seus meios pessoais e digitais de comunicação (*Whatsapp, Facebook, Instagram* etc.) e B) enviando-a diretamente para pessoas de seu núcleo de relacionamentos significativos. De acordo com as regras do jogo, o resultado desse empreendimento social é medido pelo tamanho da felicidade produzida pelo conjunto dos empreendimentos sociais gerados.

Muitas formas de avaliar essa felicidade são possíveis; por isso, foram incluídas nas regras do jogo diferentes categorias de indicadores de felicidade associados 1) à obra de adaptação criada, 2) aos leitores conquistados, 3) à atuação desses leitores conquistados como reação ao contato com a obra e 4) ao próprio empreendedor social. Nessa partida do jogo *Inês&Nós*, por motivos de simplificação, a regra básica foi contabilizar 3 diferentes tipos de comentários gerados pelos leitores das obras, associando-lhes pesos em termos de unidades simbólicas de felicidade proporcionada (UFs): C1 - comentário com felicitações à autora da vídeo-carta por ser uma escritora (10 UFs), C2 - comentário com demonstração de felicidade provocada por ter recebido a vídeo-carta (20 UFs) e C3 - comentário com demonstração de felicidade provocada pela história de Inês e Pedro (30 UFs). O tamanho da CLAU criada é definido pela quantidade simbólica total de felicidade proporcionada pela partida do jogo.

Figura 7 – Imagem do canal da Comunidade Leitora Inês&Nós no YouTube.
Disponível em: <https://bit.ly/3HvtgtsT>



Todas as participantes foram premiadas pela participação no jogo. Também, foi criada uma premiação simbólica adicional, proporcional ao tamanho de cada comunidade (felicidade) gerada por cada empreendedora jogadora. O Quadro 1 mostra as contribuições das participantes para a construção da Comunidade Inês&Nós em termos de felicidade proporcionada pelo ato emancipatório de ler. Entretanto, o resultado mais importante de uma partida do jogo é a felicidade geral por ele gerada, representada pelo conjunto dos indicadores usados nas 4 categorias citadas acima. Se nos comprometermos com a exploração do poder dos jogos para produzir “felicidade” e mudança, então uma realidade melhor será mais do que provável, será possível e, nesse caso, nosso futuro será absolutamente extraordinário (MCGONIGAL, 2012).

Quadro 1 – Contribuições das participantes para a construção da CLAU Inês&Nós

Quadro da Felicidade (UFs) da CLAU e das Contribuições das Participantes							
NOME	C1	UFs	C2	UFs	C3	Ufs	CLAU
Participante1	17	170	1	20	29	870	1.060
Participante2	5	50	2	40	12	360	450
Participante3	10	100	0	0	19	570	670
Participante4	12	120	1	20	30	900	1.040
Participante5	4	40	2	40	6	180	260
Participante6	12	120	3	60	24	720	900
Participante7	6	60	4	80	19	570	710
Participante8	9	90	3	60	20	600	750
TOTAL	82	820	17	340	166	4.980	5.840,00

Considerações finais

Este relato traz um estudo sobre o ato performativo em seus aspectos teóricos e práticos, particularmente no que se refere à relação entre leitura performativa e as novas formas de vivenciar o ato de ler, exercendo o poder de emancipação de si, do outro, e do mundo diante de grandes desafios políticos e sociais, particularmente no tocante à conscientização de professores para o enfrentamento ao preconceito de gênero, investindo esforços para prevenir o alunado, ainda na idade escolar, em relação às várias formas de violência contra mulheres.

O jogo Inês&Nós é, portanto, uma aplicação do método LerAto baseada no mito e na história do amor de Inês e Pedro, em que se exploram as possibilidades da comunicação ubíqua, da gamificação e do empreendedorismo social. Os relatos da abordagem metodológica simples focada na performance de um professor, a estrutura tecnológica baseada em ferramentas digitais populares e gratuitas e a operacionalização em ambiente escolar em modos presencial e em modo híbrido indicam que a experiência pode ser facilmente replicada em escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, assim como em universidades.

A exemplo do poema apresentado acima (Figura 6), as obras criadas pelas participantes nessa partida do jogo, tendo sido contextualizadas para suas realidades e para a contemporaneidade, indexaram novos significados ao mito no século XXI, trazendo à tona temas atuais representativos e desafios que, a despeito de raízes arcaicas, permanecem contemporâneos, ressoando na desigualdade de gênero em suas interseções, tais como a racial e a de classe, como também na deslegitimação das escolhas amorosas das mulheres, no desrespeito e na humilhação à mulher em condição de mãe solteira e no estigma ao arranjo familiar em que a mulher é a única provedora da família.

Esses são temas, pois, que problematizam a conjuntura sociocultural contemporânea relativa à condição humana das mulheres. A partir deles, novas verdades culturalmente necessárias (HOSAKABE, 1998) puderam ser criadas e performatizadas por meio da linguagem. Esse fato evidencia o jogo Inês&Nós como contribuição de relevância e interesse para a formação de professores *leiautores*, pois os estimulam a ser indivíduos políticos, sobretudo na prática do empreendedorismo social baseado no poder engendrado no ato de ler. Por fim, essas obras ampliaram o repertório literário inspirado em Inês de Castro na contemporaneidade, sendo também destinadas à publicação em livros, em Portugal e no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Leandro de Sousa. *Inês&Nós: uma aplicação do Método LerAtos na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro*. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2021.

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. A imaginação na constituição do mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro. In: CASTRO, Paula

Almeida de. (Org.). *Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos*. E-Book VII CONEDU, Vol. 2. Campina Grande: Realize Editora, 2021, p. 250-268. Disponível em: <https://bit.ly/3zL4RxL>. Acessado em 04.06.2022.

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. *Texto, imagem e projeto gráfico na obra Inês, de Roger Mello e Mariana Massarani: por uma adaptação do mito português de Inês de Castro para crianças brasileiras*. SOCIOPOÉTICA, [S. l.], v. 1, n. 22, p. 24-36, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3QnCtYc>. Acessado em 04.06.2021.

ANDRADE, Valéria; FERREIRA, Lurdes; NEVES, Manuel; BARROS, Marcelo; ALMEIDA, Leandro; BARROS, Rafael (Orgs.). *Inês&Nós: trinta e uma novas histórias de Inês de Castro*. Campina Grande: EDUEPB, 2022.

ANDRADE, Valéria. *Inês&Nós: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil: relatório final de pesquisa de pós-doutoramento (2018-2019) – 2019*. Porto: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3b4N3D7>.

ARISTÓTELES. *A Poética*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução e apresentação à edição brasileira Prof. Danilo Marcondes de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARROS, Marcelo Alves de.; ANDRADE, Valéria. *LerAtoS: Jogos Sérios de Leitura Performática em Realidade Alternada para engajar Populações e Escolas em Desafios Sociais*. In: ALVES, Lourdes Kaminski; MIRANDA, Célia Arns de (Org.). *Teatro e Ensino (I) – Estratégias de Leitura do Texto Dramático*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p.107- 127.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. Gênero em desafio: das trobairitz provençais às repentistas nordestinas. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 193-205.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

HOSAKABE, Haquira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S (Orgs). *Sobre as Naus da Iniciação: estudos portugueses de Literatura e História*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.105-117.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

KEFALÁS, Eliana Oliveira. *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário*. Autores Associados, 2012.

KEFALÁS, Eliana Oliveira. *Leitura, voz e performance no ensino de literatura*. 2011.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MELLO, Roger. *Inês*. Ilustração Mariana Massarani. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

MCGONIGAL, Jane. *A realidade em jogo: porque os games nos tornam melhores e como eles podem mudar o mundo*. Tradução Eduardo Rieche. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

MURDOCK, Maureen. *A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino*. Prefácio de Sandra Trabucco Valenzuela. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

MURMÚRIOS de Pedro e Inês. *Dança em Diálogos - YouTube*, 13 de outubro de 2019 (01m22s). Disponível em: <https://bit.ly/3QmPv8q>. Acessado em 19.08. 2020.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Maria Roupa de Palha*. In: _____ Organização e Introdução: Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Bagagem, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *O Leitor Ubíquo e suas consequências para a educação*. Coleção Agrinho, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2M3rsx1>. Acessado em: 30.04. 2021.

VIVIR QUINTANA – Canción sin miedo ft. El Palomar. *Vivir Quintana - YouTube*, 07 de março de 2020 (03m48s). Disponível em: <https://bit.ly/3zBW2WQ>. Acessado em 19.08.2020.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2 ed. Ver. Amp. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXO 1 – Uma breve história da relação entre leitura performativa e política.

Sec VI. Em 529, Bento de Núrsia, criou um mosteiro no Monte Cassino, entre Roma e Nápoles, e estabeleceu uma regra em que nas refeições deveria ser lido em voz alta um livro escolhido pelas autoridades eclesíásticas para a semana, para todos os presentes reunidos à mesa. Todos deveriam comer em silêncio absoluto para alimentar o espírito enquanto comiam. Mais tarde no século XII, esta regra foi usada em mosteiros cistercienses, para forçar a convivência coletiva monitorada e restringir as liberdades individuais dos presentes

Sec XIV. Com *diferentes desfechos*, as leituras informais em performance, nas cortes e às vezes em alguns lares, se proliferaram, com fins de instrução e de entretenimento de familiares e amigos, durante as refeições, resgatando uma prática dos tempos do Império Romano. A Condessa de Mahaut de Artois viajava com sua biblioteca em malas de couro e sua dama de companhia lhe lia obras como as “Viagens de Marco Polo” para alegrar suas noites de pausa. O nobre toscano Ser Lapo Mazzi lia em voz alta As Pequenas Flores de São Francisco” para deliciar seus filhos em noites de inverno. O camponês Guillaume Andorran, foi processado pela Inquisição ao ser descoberto lendo um evangelho herético para a sua mãe.

Sec XIX. A leitura performativa cria oportunidade de profissionalizar uma prática natural da adaptação da obra lida aos motivos, temas e necessidades da atualidade, de interesse do leitor falante e dos leitores ouvintes. Na Escócia, Charles Chambers registra o caso emblemático de Tom Fleck, privilegiado dono de um raro exemplar de Josephus, datado de 1720, que vivia de circular à noite lendo-o como se fossem as notícias do momento. Ele usava, entre outras, a estratégia de recitar apenas 3 páginas em cada performance, intercalando-as com observações sagazes (os “spoilers” da época) que aumentavam o suspense e o interesse da platéia pelo próximo espetáculo popular.

Sec XX. A história revela que a relação física com o livro sempre foi e continua sendo importante na performance e na sua mensagem emancipatória. No norte da França contadores de histórias das aldeias fingem que leem para exibir autoridade, sua e da obra performatizada, enquanto declamam um texto decorado, mesmo segurando o livro de cabeça para baixo. Ainda hoje uma criança que ainda não conhece o código da sua língua une a vida do livro à sua ao protagonizar uma prova de seu crescimento por meio da leitura performatizada, na re-contação em público de uma história, manipulando as páginas físicas da suposta fonte da sua mensagem de poder

Sec XI. Livros eram raros. Possuí-los, privilégio de ricos. Na Europa, artistas intinerantes, chamados de joglars, recitavam e cantavam versos seus ou de mestres trovadores, para as pessoas comuns, nas feiras e mercados, *democratizando o acesso à fruição literária* proporcionada diretamente pelos trovadores prioritariamente aos nobres. Os joglars liam o mesmo livro muitas vezes e o seu sucesso dependia do poder de encantamento de sua performance leitora.

Sec XII. A tradição androcêntrica da autoria literária, do passado e do presente, ouve, literalmente, a performance feminina. De uma centena de trovadores que ficaram famosos até o início do Sec XIII, pelo menos 20 eram mulheres. Estas em suas performances prioritariamente na modalidade *tenson*, que lembram os duelos de repentistas nordestinos, demonstravam ousadia para quebrar paradigmas morais e estéticos em suas leituras performativas e em suas autorias, mesmo tratando do mesmo tema recorrente do trovadorismo: o amor.

Sec XV. A obra Les Évangiles de Quenouilles relata que um grupo de mulheres vizinhas, reagindo à prática dos homens de seu tempo de escreverem textos difamando o sexo feminino, se organizou para ler em voz alta textos sobre os sexos, casos amorosos, superstições e costumes locais, ao passo que faziam comentários sobre os homens com a perspectiva delas. Além de uma semente de protagonismo feminino, nesse registro, esse grupo parece inaugurar uma prática de leitura performativa colaborativa, pois o faziam dividindo o texto em partes e repartindo-as entre elas *para que todas pudessem fazer sua performance emancipatória*.

Sec XIX. Em Cuba, em 1865, Saturnino Martínez, charuteiro e poeta, cria o Jornal La Aurora para levar a toda a sua sofrida classe trabalhadora a experiência da leitura sobre política, ciência e literatura. Diante da realidade de apenas 85% de analfabetos em seu público alvo, foi criada a figura do Lector, uma pessoa que sentava nos espaços da linha de produção o conteúdo do La Aurora. O jornal dá a luz no selo da indústria do tabaco ao emblemático movimento cubano de leitura performativa emancipatória que, mesmo sendo atacado por decreto do governo cubano, expandiu-se para os EUA.

Sec XXI. Pesquisadores da UFCG criam a abordagem LerAtoS de promoção do empreendedorismo sócio-cultural, a partir da capacidade humana essencial de ler e de reescrever a si, ao outro e o mundo por meio de obras e performances viabilizadas pela comunicação ubíqua.

